

ARTIGO <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6911>**O PERCURSO DE CINCO RAPAZES INSTITUCIONALIZADOS: UM ESTUDO
SOBRE A PROPOSTA EDUCATIVA DE UMA CASA DE ACOLHIMENTO EM
PORTUGAL**THE PATH OF FIVE INSTITUTIONALIZED BOYS: A STUDY ABOUT THE
EDUCATIONAL PROPOSAL FROM A FOSTER HOUSE IN PORTUGALEL CAMINO DE CINCO NIÑOS INSTITUCIONALIZADOS: UN ESTUDIO SOBRE LA
PROPUESTA EDUCATIVA DE UNA CASA DE ACOGIDA EN PORTUGAL*Daiane Valasques*

Universidade do Minho – Portugal

Fátima Pereira

Universidade do Porto – Portugal

Resumo: Apresenta-se um estudo que investigou a proposta educativa da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, Portugal. Procurámos um diálogo ora pela reflexão teórica ora pela reflexão empírica, sempre tendo em conta esse mesmo diálogo como uma *praxis* científica em educação. A pesquisa enquadra-se nos parâmetros do paradigma fenomenológico-interpretativo e baseou-se em uma metodologia qualitativa e narrativa. Realizaram-se entrevistas do tipo biográfico e entrevistas semidiretivas como técnica de recolha de informação, assim como a análise de documentos e a observação, que nos proporcionaram uma interação heurística com o fenómeno estudado. A análise de conteúdo foi realizada através de uma análise transversal detalhada sobre as entrevistas aos sujeitos participantes, em suas percepções de vida antes, após entrada e durante a estadia na casa assim como de suas percepções futuras. A discussão de resultados sugere que a proposta educativa da Casa do Gaiato de Paço de Sousa se revelou significativa em suas vidas, nos seus processos de (re)inserção social, designadamente em relação a uma promoção social e escolar, de preparação para a autonomia e transição para o mundo do trabalho, de aquisição de competências, de uma construção de identidade e formação de um sujeito crítico.

Palavras-chaves: Educação. Institucionalização. Narrativa biográfica.

Abstract: The study presented has investigated the educational proposal of Casa do Gaiato de Paço de Sousa, Portugal. We looked for a dialog either for theoretical and empirical reflection, always considering that dialog as a scientific *praxis* in education. The research fits in the parameters of the phenemological-interpretative paradigm and was based on a qualitative and narrative methodology. Biographical and semi-directional interviews were used as a technique for collecting information, as well as document analysis and observation which provided us a heuristic interaction with the studied phenomenon. Content analysis was performed through a detailed cross-sectional analysis of the interviews of the participating subjects, in their perceptions of life before, after entry and during their stay in the house as

well as their future perceptions. The discussion of the results suggests that the educational proposal of Casa do Gaiato de Paço de Sousa was significant in their lives, in their processes of social (re)insertion, namely in relation to a social and scholar promotion, in preparation for autonomy and transition to the labour world, acquisition of skills, identity building and formation of a critical subject.

Keywords: Biographical narrative. Education. Institutionalization.

Resumen: Se presenta uno estudio que investigó la propuesta educativa de la Casa do Gaiato de Paço de Sousa, Portugal. Buscamos un diálogo a través de la reflexión teórica o de la reflexión empírica, siempre teniendo en cuenta eso mismo diálogo como una *praxis* científica en la educación. La investigación se ajusta en los parámetros del paradigma fenomenológico-interpretativo e se fundamenta en una metodología cualitativa y narrativa. Se realizaron entrevistas del género biográfico y semidireccionales como técnica de recogida de información, así como la análisis y observación de documentos, lo que nos proporcionó una interacción heurística con el fenómeno estudiado. El análisis del contenido se ha realizado a través de un análisis transversal detallado de las entrevistas con los participantes en sus percepciones de vida antes, después y durante la estancia en la casa, así como sus percepciones futuras. La discusión de los resultados sugiere que la propuesta educativa de la Casa do Gaiato de Paço de Sousa se demostró ser significativa en sus vida, en sus procesos de (re)inserción social, es decir, en relación con una promoción social y escolar, la preparación para la autonomía y la transición para al mundo del trabajo, de adquisición de habilidades, una construcción de identidad y la formación de un sujeto crítico

Palabras-clave: Educación. Institucionalización; Narración biográfica.

Introdução

Constatamos que o problema da infância, em situação de vulnerabilidade social, foi realçado, em Portugal, como consequência de uma preocupação do Estado, uma vez que, as crianças e jovens em situação de vida na rua significavam um incômodo e uma ameaça aos “bons costumes” e funcionamento da sociedade. Havia uma proposta de defesa dos direitos e da proteção das crianças e dos jovens em perigo; contudo, o objetivo principal era evitar-se maiores problemas à sociedade, recorrendo-se para isso à institucionalização das mesmas e à criação da Lei de Proteção à Infância (LPI), em 27 de maio de 1911, que mais tarde dá origem à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), em 1 de setembro de 1999, e à Lei Tutelar Educativa (LTE), em 14 de setembro do mesmo ano, que em termos jurídicos, representaram a garantia do cumprimento sobre o bem-estar e desenvolvimento integral das crianças e jovens.

É no âmbito deste problema que surge o desejo de conhecer melhor as instituições que se dedicam ao trabalho educativo com crianças e jovens institucionalizados em Portugal e, conseqüentemente, a intencionalidade de conhecer a Obra da Rua, mais conhecida como Casa do Gaiato, fundada em 1940, pelo Padre Américo, que tem como seus principais objetivos

pedagógicos: acolher, educar e integrar na sociedade crianças e jovens que, por algum motivo, se viram privados do seu meio familiar e das relações sócioafetivas com seus pais e familiares.

Pensada em forma de uma aldeia, a Casa do Gaiato busca oferecer às crianças e jovens aí institucionalizados as mesmas estruturas sociais que eles encontrariam fora da Casa. Fomentando relações de amizade e aproximação, aquisição de conhecimentos, experiências de vida, a proposta tem por objetivo criar um ambiente acolhedor e familiar, onde as crianças sejam como irmãos uns dos outros. Em grande parte, provenientes da rua, as crianças e jovens chegam à Casa com vícios de uma vida sem regras e limites, com maus hábitos e comportamentos, que os fazem ser estigmatizados e marginalizados pela sociedade. Por isto, realça-se a relevância social de se investigar como o trabalho educativo implementado pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa contribui, até aos dias atuais, na (re)integração desses sujeitos na sociedade.

Organizado em tópicos, abordamos no referencial teórico: a problemática da institucionalização, compreendendo as definições de criança em risco e em perigo; além disso, e a fim de percebermos a sua organização e atuação na proteção e bem-estar dessas crianças e jovens versamos sobre a Lei de Proteção à Infância (LPI), de 1911, que colocou Portugal na vanguarda da proteção às crianças. Na metodologia, apresentamos os objetivos e opções metodológicas para a recolha e tratamento dos dados recolhidos. Por fim, apresentamos e discutimos os resultados, buscando compreender efeitos de processos educativos desenvolvidos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa na (re)inserção social de pessoas que viveram a infância e a juventude na Casa.

A Institucionalização como uma resposta social

Acreditamos ser a institucionalização uma resposta social dirigida às crianças e jovens que se encontram desintegrados do seu meio familiar ou que nele sofrem carências graves e/ou maus-tratos. Relativamente a uma dimensão histórica e cultural, abarcamos a definição de Erving Goffman (1961) sobre as instituições totais. De acordo com o autor as instituições são estabelecimentos sociais, “são locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifício ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo” (p. 15). E completa que:

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda a instituição tem tendências de ‘fechamento’. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são muito mais ‘fechadas’ do que outras. Seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas

vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. (*ibid.*, p.16)

O autor chama a atenção para a forma como as instituições totais impõem suas regras e obrigações “num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos da instituição” (p.18); e critica o método de controlo e vigilância sobre o coletivo, onde vigora um grupo controlado (geralmente os internados) e o grupo dos supervisores (geralmente os dirigentes e funcionários). Para além disso, ressalta a distinção entre esses grupos, onde os funcionários vivenciam uma vida externa fora do seu ambiente de trabalho em oposição aos internos, que vivem num contacto restrito, por vezes, privado de autonomia e liberdade.

Um gerir controverso quando nos afirma Quintãns (2009, p. 30-31), que compete às instituições a prestação de cuidados; a reabilitação, que inclui a contenção e controlo dos comportamentos perturbadores; a educação; a preservação da integridade e o desenvolvimento da identidade cultural, ética, linguística e do património simbólico da criança; a preparação para a independência dos jovens; e finalmente a sua reinserção social.

Como podemos distinguir, existe em nossa sociedade a criança pobre, a criança rica, a criança abandonada, a criança delinvente, diversas infâncias, pois há diferentes e antagónicas formas de se ser criança que atravessam a sociedade contemporânea. Algumas crianças são vítimas de graves problemas sociais, desigualdades, guerras, pobreza, racismo, outras são vítimas da maldade de alguns seres humanos adultos, sofrendo maus-tratos, negligência e omissão, uma multiplicidade de situações que coloca a criança em vulnerabilidade social e em uma situação de risco ou perigo.

De acordo com Penha (2000 in ALVES, 2007), o conceito de risco aplica-se quando a criança, pelas suas características biológicas e/ou familiares, se encontra potencialmente sujeita a omissões na satisfação das suas necessidades de ordem física (alimentação, abrigo, segurança, saúde e higiene) e socio-emocional (interação, afeto, estimulação, atenção, contacto), vendo comprometido o seu processo de desenvolvimento. Caso os fatores de risco não sejam resolvidos ou se verifique a junção de várias situações de risco numa mesma criança ou jovem, esta criança que antes se encontrava em situação de risco, pode eventualmente passar para uma situação de perigo.

Dessa forma, o conceito de perigo aplica-se quando a criança se encontra exposta a situações que afetam gravemente a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral. A título de exemplo, quando uma criança é agredida diariamente por seu pai e ocorre uma omissão por parte de sua mãe, esta criança encontra-se em uma situação de risco. Se, por conseguinte, para fugir aos castigos corporais do pai essa criança passar a fugir

de casa, a não frequentar a escola e a viver na rua, esta criança encontra-se agora em uma situação de perigo.

Nem todas as situações de perigo decorrem, necessariamente, de uma situação de risco prévia, podendo instalar-se perante uma situação de crise aguda, por exemplo, morte, divórcio ou separação. É esta diferenciação entre situações de risco e de perigo que determina os vários níveis de responsabilidade e legitimidade na intervenção.

A LPI e a institucionalização de crianças e jovens em Portugal

A Lei de Proteção à Infância (LPI), de 1911, representou a primeira lei promulgada em Portugal relativamente à proteção das crianças e jovens e instaurou, no país, um novo olhar sobre a percepção infanto-juvenil e sobre a justiça.

Desresponsabilizou-se o menor perante a prática de ilícitos criminais, encarando tal prática como decorrente da exclusão social, carência afetiva e da necessidade de proteção do menor. Com a aprovação da LPI, foram criados os primeiros Tribunais especializados - as Tutorias da Infância que, em 1925, se alargaram a todo o país e assim terminou a aplicação direta dos Códigos Penal e do Processo Penal a menores. (Abreu, et al., in CANDEIAS & HENRIQUES, 2012, p. 3)

A Lei nº 147/99 (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – LPCJP) e a Lei nº 166/99 (Lei Tutelar Educativa – LTE), representaram, seguidamente, um novo modelo de intervenção cujo propósito se assentava na proteção, reeducação e preparação desses indivíduos para a vida, por via do trabalho e da responsabilidade.

Tendo em vista o que for de melhor para o futuro da criança e de desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e afetivo. Alves (2007) diz-nos que:

A medida de colocação institucional deverá constituir a última opção de intervenção social e judicial de crianças e jovens em perigo, aplicando-se exclusivamente quando não existem condições efectivas na família biológica, nuclear ou alargada, para que a criança aí permaneça em segurança. (p. 65)

Afim de que a criança não seja separada do seu contexto de origem, deve o Estado oferecer à família oportunidades de gerir as adversidades com que se confronta. Para que os pais ou responsáveis possam assumir os seus deveres para com a criança e o jovem, faz-se necessário uma intervenção dinâmica que “(...) requer modos de ação construtivos – uma atitude que, diante de riscos complexos, desencadeie respostas igualmente complexas e multidimensionais, que previnam maus futuros, construindo melhores presentes” (SARMENTO & GOUVEIA, 2009, p. 267).

Neste sentido, ficam as instituições a par “(...) das responsabilidades educativas ao nível jurídico, moral, social e escolar, atribuídas geralmente aos progenitores biológicos” (ALVES, 2007, p. 66). A autora ainda sinaliza que esses cuidados deverão ser prestados, levando em consideração “(...) a idade da criança e do jovem, o seu gênero, origens sociais, percursos de vida e características individuais de personalidade” (*ibid.*, p. 66).

Segundo o último Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Criança e Jovens¹, existem em Portugal: 122 Casas de Acolhimento Temporário – CAT; 181 Lares de Infância e Juventude – LIJ; 7 Lares de Infância e Juventude Especializados – LIJE. Totalizando 310 casas de acolhimento direcionadas a promoção e proteção infantojuvenil.

Compreendemos que, em Portugal, as instituições de acolhimento se direcionam a diferentes problemas: as Casas de Acolhimento Temporário – CAT são direcionadas a jovens infratores, ou seja, a jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos que apresentam um comportamento desviante, qualificado pela lei como crime. O acolhimento supõe um prazo não superior a seis meses e tem como instrumento de orientação a Lei Tutelar Educativa – LTE.

Os Lares de Infância e Juventude – LIJ são direcionados às crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 0 e os 18 anos, quando as circunstâncias do caso aconselham um acolhimento de duração superior a seis meses, sendo a Lei de Proteção às Crianças e Jovens em Perigo – LPCJP a sua principal ferramenta de apoio. Ambas as leis visam a promoção dos direitos do menor, prevalecendo as medidas não institucionais.

Independentemente de se dirigirem a diferentes problemas, são as Casas de Acolhimento Temporário e os Lares de Infância e Juventude, instituições organizacionais que acolhem crianças e jovens vítimas de abandono, negligência, abuso sexual, abuso de autoridade por parte dos pais ou quando a criança ou jovem se envolve em práticas que afetem gravemente o seu desenvolvimento, como furto ou uso de drogas e entorpecentes.

Dessa forma, as instituições de acolhimento assumem hoje uma orientação mais humana quando direcionam o seu trabalho para uma proposta (re)educativa, que possibilite às crianças e jovens, durante a institucionalização, “condições de (re)aprendizagem das normas sociais vigentes e a preparação de um caminho para a futura reintegração na sociedade, seja qual for a razão que motivou o ‘acolhimento’” (ALVES, 2007, p. 65).

Sobre nossa análise, procuramos refletir sobre a Lei de Protecção da Infância e de como a reforma do sistema de proteção no decorrer dos anos permitiu um tratamento separado de

¹ O presente Relatório CASA confere visibilidade às crianças e jovens que, encontrando-se separados temporariamente das respetivas famílias, residem nas diversas respostas de acolhimento.

crianças e jovens estando em risco daquelas que se envolvam em atos criminosos. Ambas as vertentes buscando resgatá-las de ambientes impróprios tendo em vista o que for de melhor para o seu futuro e para seu desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e afetivo.

Objeto de estudo e as opções metodológicas da pesquisa

Após as considerações acima, procurámos, durante o desenvolvimento desta pesquisa, identificar e compreender efeitos de processos educativos desenvolvidos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa com crianças e jovens aí institucionalizados, na sua (re)integração social, sendo este o nosso objetivo geral de estudo.

Como objetivos específicos da pesquisa, definimos:

- i) identificar e problematizar representações e percepções de adultos que experienciaram processos educativos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, de acordo com a narrativa biográfica desses sujeitos;
- ii) caracterizar processos educativos desenvolvidos na Casa do Gaiato;
- iii) compreender o cotidiano, a organização da Casa e os intervenientes na concepção e desenvolvimento dos processos educativos;
- iv) identificar mediações de promoção do projeto de vida, do desenvolvimento de competências e de integração social das crianças e jovens.

Esta pesquisa enquadra-se nos parâmetros do *paradigma fenomenológico-interpretativo* e tem como preocupações subjacentes uma produção de conhecimento sobre as relações sociais, interpessoais e em particular sobre a construção do referencial identitário das crianças e jovens que viveram em regime de institucionalização.

Portanto, central nesta investigação é a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos em que e com que interagem. Procura-se o que, na realidade, faz sentido e como faz sentido para os sujeitos investigados. (AMADO, 2014, p. 41)

Numa tentativa de compreender e interpretar as práticas dos sujeitos, este paradigma nos ajuda a estabelecer uma dialética constante das relações dos sujeitos desta pesquisa com os outros e com o mundo que os rodeia, sob a realidade e incertezas de sua vida, ou seja, sobre suas subjetividades e interioridades.

A abordagem qualitativa e narrativa tornou-se um imperativo metodológico, no âmbito desta investigação, dado que se trata de uma abordagem mais adequada para aceder aos

discursos, sentidos e vivências dos sujeitos entrevistados, dificilmente resgatados a partir das abordagens mais formatadas, como a dos métodos quantitativos.

O termo ‘qualitativo’, como afirmam Denzin e Lincoln (2003, in AMADO, 2014, p. 40) “(...) implica uma ênfase na qualidade das entidades estudadas e nos processos e significações que não são examináveis experimentalmente nem mensuráveis, em termos de quantidade, crescimento, intensidade ou frequência”. A pesquisa qualitativa configura-se, portanto, como uma busca de novos significados, através da interpretação de discursos; é o que delimita o objeto de estudo e as opções metodológicas.

Dentro dos estudos qualitativos, a recolha de narrativas biográficas nos proporcionou a criação de um texto de pesquisa sobre as experiências individuais dos sujeitos, como também, sobre suas experiências em outros contextos sociais. Clandinin e Connelly (2011) diz-nos que a pesquisa narrativa diz respeito a histórias vividas e contadas.

[...] é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. (p.51)

Assim, o fenómeno narrativo se constituiu, de maneira oportuna, como a melhor forma de compreendermos as particularidades dos sujeitos entrevistados, para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis.

Para a prossecução dos objetivos desta pesquisa foi realizada uma recolha de dados através de *entrevistas do tipo biográfico* a 5 pessoas que estiveram institucionalizadas na Casa do Gaiato «antigos gaiatos» e de *entrevistas semidiretivas* a 2 funcionárias (não gaiatos) e ao responsável pela Instituição (Diretor).

A propósito das entrevistas do tipo biográfico diz-nos Bertaux (1997 in AMADO & FERREIRA, 2014) que “(...) quanto mais tivermos ideias claras sobre o que procuramos compreender e sobre o melhor modo de o perguntar, mais podemos aprender seja qual for o informador” (p. 213). Assim, a opção por entrevistas do tipo biográfico deve-se ao facto de nos possibilitar reconstruir o vivenciado dos sujeitos entrevistados e relacionar essas vivências com as suas ações comportamentais e atitudinais, ou seja, seu modo de ser e estar no mundo.

A propósito das entrevistas semidiretivas Amado e Ferreira (2014), afirmam que:

[...] as questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se

pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado. (p. 208)

E complementa que, “(...) à construção deste instrumento deve presidir a preocupação por não fazer dele um questionário, mas sim um referencial organizado de tal modo que permita obter o máximo de informação com o mínimo de perguntas (*ibid.*, p. 214).

Dessa forma, a opção pelas entrevistas semidiretivas prende-se com a conciliação entre, por um lado a existência prévia de objetivos pré-definidos, aos quais se pretende obter possibilidades de resposta e, por outro lado a uma postura ética emergente de dados que configurem possibilidades de sentidos sobre as vozes dos sujeitos.

Através de uma debruçada leitura sobre a problemática em questão, foram construídos 3 guiões que nos ajudaram a centrarmo-nos nos objetivos que queríamos alcançar; utilizando perguntas pré-definidas apenas como referencial orientador, avançávamos ou recuávamos à medida que o entrevistado falava.

Todos os sujeitos entrevistados tiveram acesso e assinaram um consentimento informado sobre a pesquisa; tendo em conta a ética científica e prevendo-se esclarecer e proteger o sujeito da pesquisa, assim como, o próprio pesquisador. Isabel Baptista (2005) define a ética “(...) com a reflexão sobre os princípios que devem nortear a ação humana” (p. 22) e é sobre estes princípios que ao longo desta pesquisa foi conferida uma sensibilidade e prudência pelas narrativas dos sujeitos entrevistados. Foi dito aos participantes que poderiam desistir a qualquer momento da sua participação sem qualquer consequência nefasta e que depois do estudo concluído, a gravação de áudio seria destruída.

Segue abaixo o quadro nº 1 com a caracterização dos antigos gaiatos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, entrevistados. Ludgero é um nome verdadeiro, que por ter um nome diferente do habitual não tinha alcunha² e era assim chamado. Neves, Tiro-liro-ló e Cenoura são alcunhas. Dos 5 antigos gaiatos que participaram nas entrevistas, 4 concordaram pela divulgação dos seus nomes, com exceção do primeiro antigo gaiato entrevistado, a este foi-lhe atribuído um nome fictício de Chico.

² Designação informal dada a uma pessoa e que substitui o nome. No Brasil, se usa o termo apelido.

Quadro nº 1 – Caracterização dos antigos gaiatos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, entrevistados

Antigo Gaiato	Idade	Estado Civil	Nº de Filhos	Naturalidade	Residência Atual	Escolaridade	Profissão Atual	Anos que viveu na Casa	Define a sua estadia na casa como:
Chico	63	Casado	1	Guiné Bissau	Porto	12º Ano	Guarda Municipal	10 anos	"foi uma história de vida... Foi uma linda história."
Ludgero	51	Divorciado	1	Olhão	Vila Nova de Gaia	Licenciado em Engenharia Multimédia	Paginador	13 anos	"Acolhedora."
Neves	53	Casado	4	Aveiro	Oliveirinha	4ª Classe	Ajudante de Padeiro	8 anos	"Seja bem vindo."
Tiro-líro-ló	52	Casado	1	Olhão	Fânzeres	9º Ano	Exerce função Administrativa	23 anos	"Foi boa."
Cenoura	39	Casado	1	Braga	Vila Nova de Gaia	Mestre em Engenharia Do Ambiente	Empresário em Angola e Portugal	20 anos	"Gratidão."

Fonte: Elaborada pelo autor

Além das entrevistas, que possibilitaram compreender os significados e percepções dos sujeitos face ao tema em estudo, a análise de documentos revelou-se, entre outras questões, crucial para compreensão da rotina da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Morgado (2012) refere que a análise de documentos existe "(...) com o objetivo de complementar, fundamentar e/ou recolher informações úteis acerca do objeto de estudo" (p. 87). As observações, durante as visitas exploratórias, aos dias festivos e dias comuns da semana, tornaram-se igualmente úteis para perceber as relações e subjetividades dos sujeitos em seu quotidiano, a partir da relação direta construída com os mesmos. Através de uma reflexão entre aquilo que foi dito nas entrevistas e aquilo que foi observado, foram apurados novos dados para a pesquisa.

A respeito do processo de categorização inerente à análise de conteúdo, este foi orientado segundo categorias previamente definidas a partir dos objetivos da pesquisa e de outras que emergiram na análise. Como refere Laurence Bardin (1977), o objetivo da categorização é "(...) fornecer por condensação uma representação simplificada dos dados brutos" (p. 120). No caso de nossa pesquisa, as subcategorias foram constituídas através de enunciados dos sujeitos entrevistados.

Partindo-se dos tópicos dos guiões e tendo em conta os objetivos da pesquisa, segue abaixo o quadro nº 2 com o modelo de análise produzido, que se organiza em 3 perspetivas.

Quadro nº 2 – Quadro da análise de conteúdo

Perspetivas	Categorias	Subcategorias
Percepções sobre as vivências ANTES da Casa do Gaiato	1. Relação com a família	1.1 Origem socioeconómica
		1.2 Relação afetiva com seus pais e irmãos
	2. Relação com a escola	2.1 Frequência, (in)sucesso e (in)adaptação escolar
		2.2 Relação com os professores e com os colegas
	3. Relação com a comunidade de origem	3.1 Relação com os amigos
		3.2 Lazer
Percepções sobre as vivências APÓS entrada na Casa do Gaiato e DURANTE a estadia na Casa	1. Chegada à Casa do Gaiato	1.1 Motivo
		1.2 Principais dificuldades
	2. Regras de funcionamento da Casa	2.1 Rotina
		2.2 Adaptação
	3. Relação com os pares e funcionários	3.1 Afetividade
		3.2 Autoridade
	4. Relação com a família e com a comunidade externa	4.1 Visitas e saídas
		4.2 Lazer
	5. Relação com a escola	5.1 Frequência, (in)sucesso e (in)adaptação escolar
		5.2 Relação com os professores e com os colegas
Percepções sobre perspectivas futuras	1. Saída da Casa do Gaiato	1.1 Motivo
		1.2 Principais dificuldades
	2. Família	2.1 Vida familiar
		2.2 Filhos
	3. Trabalho	3.1 Importância das oficinas
		3.2 Emprego
	4. Memórias	4.1 Casa
		4.2 Gaiatos

Fonte: Elaborada pelo autor

A análise de conteúdo incide sobre as informações anteriormente recolhidas por intermédio dos instrumentos de recolha de dados. A análise consiste na desconstrução de um discurso para posterior “(...) produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção de análise” (VALA, 1990, p. 104).

Isto posto, foi realizada através de uma análise transversal detalhada sobre as entrevistas aos sujeitos participantes, em suas percepções de vida antes, após entrada e durante à estadia na casa assim como de suas percepções futuras; tendo como objetivo principal nessa análise identificar e compreender efeitos de processos educativos desenvolvidos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa com crianças e jovens aí institucionalizados, na sua (re)integração social.

Percepções sobre a vivência ANTES da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

▪ Relação com a família

a) Origem socioeconómica

Oriundos de família pobre, de pais que trabalhavam, mas que precariamente conseguiam manter o sustento de seus filhos, os antigos gaiatos entrevistados provinham todos de uma

situação de risco. As condições em que viviam e a ausência de um ambiente familiar favorável ao seu desenvolvimento, os condicionava a esta situação.

b) Relação afetiva com seus pais e irmãos

Ludgero, Neves e Tiro-liro-ló referem que os pais eram alcoólatras e as mães eram ausentes. Cenoura perde a mãe, ainda muito novo, e mal se recorda do rosto de seu pai. O único que refere uma vida harmoniosa em família era o Chico; contudo, o contexto social em que vivia era de um país de guerra e onde acaba por perder o seu pai.

▪ **Relação com a escola**

a) Frequência, (in)sucesso e (in)adaptação escolar

Devido ao contexto em que estavam imersos, alguns dos antigos gaiatos entrevistados se mostraram desinteressados relativamente à escola. Sozinhos ou na companhia de colegas, a rua evidenciava, muitas vezes, ser um ambiente mais oportuno e interessante. Chico e Cenoura demonstraram-se mais aplicados; enquanto, Ludgero e Tiro-liro-ló iam à escola quando queriam. Neves abandona a escola ainda na 1ª classe.

b) Relação com os professores e com os colegas

Os antigos gaiatos entrevistados não demonstram uma relação de proximidade com seus professores. Para mais, ressaltamos da fala de Neves a indiferença e agressões físicas que este sofria, por parte de sua professora, ao ponto de abandonar a escola.

Quando fui então a entrada para escola, então, acho que se tornou ainda muito mais pior a minha vida. Acho que era sempre a mesma coisa... saía de casa, porrada levava; entrava na escola, porrada levava. (Neves)

▪ **Relação com a comunidade de origem**

a) Relação com os amigos

A relação com a comunidade onde viviam se limitava à ajuda de uns e outros moradores e amigos próximos da família, oferecendo-lhes roupas, brinquedos e comida.

(...) que me dava o pão, os brinquedos. É o seu 'peixinho', não sei se ainda é vivo ou se não. É... pessoas que estavam chegadas à minha tia que agora não me lembro assim o nome delas, isso já vai há muito tempo, né? E o seu 'marujo' acho eu. Foram as pessoas mais importantes. (Neves)

(...) a minha mãe trabalhava em vários sítios e recordo-me que era uma, tipo uma tabernazita (...) a gente ia para lá e tinham lá uns senhores que tomava

*conta de nós (...) a gente ficava lá e comíamos, se calhar jantava e almoçava...
(Tiro-liro-ló)*

b) Lazer

O momento de lazer era sempre na rua, na companhia de amigos.

Percepções sobre a vivência APÓS a entrada na Casa do Gaiato de Paço de Sousa e DURANTE a estadia na Casa

▪ **Chegada à Casa do Gaiato**

a) Motivo

Sobre o motivo de chegada de cada antigo gaiato entrevistado à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, nos deparamos com relatos de graves problemas sociais que ainda hoje se fazem presentes em nossa sociedade, como a questão da desigualdade, da pobreza e dos maus tratos.

A minha mãe, como trabalhava numa fábrica de conservas havia um sindicato e nesse sindicato, a presidente conhecia a obra, conhecia o Gaiato. E através dessa senhora falou com a minha mãe se queria que a gente fosse. Primeiro foi o meu irmão mais velho, passando dois anos fui eu. (Tiro-liro-ló)

b) Principais dificuldades

De forma particular, cada antigo gaiato entrevistado relata sobre as dificuldades do seu momento de chegada, o que consideramos um processo custoso, demorado, diretamente relacionado com as regras de funcionamento da Casa. Da fala de Neves, Tiro-liro-ló e Cenoura destacamos a rigidez dos horários, entre acordar cedo e ter horário para todos estarem à mesa, levantarem da mesa e assim continuamente sobre todas as atividades do dia.

Foi difícil para mim porque eu vinha da rua, não tinha horário de entrar dentro de casa, não tinha horário de comer, não tinha aquelas regras que eles tinham lá, né? (Neves)

É assim, era difícil porque a gente tinha de acordar cedo, às 7 da manhã... (Tiro-liro-ló)

(...) a ideia que eu tenho é que não foi fácil. Chorava muitas vezes, de repente vamos dormir para um sítio onde temos mais não sei quantos rapazes, e temos que respeitar horários... muito rígidos. (Cenoura)

Ludgero relata o choque com o trabalho e com as tarefas de que eram responsabilizados para fazer.

Foi um choque no sentido que eu não estava à espera que fosse para trabalhar. Trabalhar num sentido que a gente tem aqui trabalho. É ocupação

dos tempos livres, digamos assim, porque a gente trabalhava quando não tinha escola. Quando tinha escola, estava na escola. Não é trabalhar no sentido da produção. Tínhamos que fazer algumas tarefas, tínhamos que varrer aquilo, tínhamos que ajudar na cozinha, tínhamos que ajudar na rouparia, tínhamos que ajudar com os animais. É uma quinta há sempre trabalho para fazer e todos trabalhavam neste sentido. Não é trabalhar das 08h às 21h... (Ludgero)

Cenoura expressa sentimentos de vergonha, tristeza e abandono pelo qual passou e pelo qual tanto chorava.

“Senti-me um bocado envergonhado quando fomos, porque disseram-nos para irmos andar de bicicleta e depois ficamos lá. Foi muito triste.” (Cenoura)

O relato de Tiro-liro-ló sobre pertencer, aos 7 anos de idade, a uma camarata de rapazes que urinavam na cama e de ser castigado com banhos frios, inclusive no inverno, demonstra sua fragilidade emocional do momento de chegada à Casa.

O primeiro tempo foi difícil porque eu fazia chichi na cama (risos) e a gente, quem fazia, tínhamos uma camarata, aquilo era dividido por três, os grandes, os médios e os pequenos, só que dos pequenos havia uma camarata que era dos que faziam chichi. A luta foi eu sair dali, daquela camarata que eu não queria ser (...) E quem fizesse tomava banho de água fria, e no inverno imagina! E eu lutei, os primeiros tempos, depois lá consegui... (Tiro-liro-ló)

▪ Regras de funcionamento da Casa

a) Rotina

Nascidos nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os antigos gaiatos entrevistados particularizam, com detalhes e de maneira semelhante, a rotina diária da Casa durante à semana e aos finais de semana. Com a diferença de que atualmente, os gaiatos que lá vivem não mais estudam nas dependências internas da Casa, observamos que algumas competências da rotina se mantiveram praticamente inalteradas.

Na época dos antigos gaiatos entrevistados, fazia parte da rotina: acordar cedo, tomar o pequeno-almoço e em seguida ir para escola, sendo este o mais importante compromisso do dia, e lá permaneciam toda a manhã. Na parte da tarde e a depender da idade e maturidade de cada rapaz, eram-lhes atribuídos diferentes trabalhos, desde trabalhos nas oficinas, na rouparia, na copa, na vacaria, às faxinas, destinadas ao bom funcionamento da Casa. Ao que entendemos, as faxinas eram distribuídas pelas camaratas por um período de um ano, onde durante uma semana do mês os gaiatos iam permutando o trabalho entre eles.

Aos finais de semana, trabalhavam aos sábados pela manhã, sendo à tarde e o dia do domingo reservado a momentos de lazer. Contudo, os compromissos se mantinham, devendo todos estar presentes às celebrações eucarísticas do domingo.

Na fala de Neves e Tiro-liro-ló observamos que, durante a semana, na parte da tarde e, portanto, após as suas tarefas, era-lhes reservado o período das 16h às 18h para estudo individual, possivelmente, pelos mesmos se mostrarem atrasados nos estudos. Facto que não observamos na fala dos outros antigos gaiatos entrevistados, que apresentavam aproveitamento escolar.

Ainda sobre a descrição da rotina, Chico e Ludgero relatam trabalhar todo o dia e Cenoura das 14h às 18h. Às 19h era a reza do terço na Capela, onde todos obrigatoriamente tinham que se fazer presentes, às 20h era servido o jantar. A partir desse horário, quem não estivesse responsabilizado pela arrumação da copa, optava por assistir TV ou andar pela quinta, tendo que se acomodar, às 22h, cada qual na sua camarata.

Nós, era assim... Nós tínhamos o horário de levantar. (...) É, sete e meia entrávamos para dentro do refeitório, era o pequeno-almoço. Oito horas começava a escola. A escola era logo ali perto, era só sair do refeitório entrar logo na escola. Depois, dez e meia mais ou menos, saíamos para o recreio, tínhamos uma horita de intervalo ou uma coisa assim do género. Entrávamos novamente para a escola. Ao meio dia e meia, tocava o sino, íamos comer. Almoçar. Rezávamos a entrada e a saída, agradecer as nossas refeições. (...) Às duas horas tocava o sino para irmos trabalhar. Íamos, portanto, até às quatro horas... Das quatro, entrávamos para as casas para irmos estudar. Seis e vinte tocava o sino, às seis e meia estávamos ali reunidos à beira da capela para rezarmos o terço e acabávamos o terço uns iam para o refeitório ou íamos às nossas tarefas, durante uma semana lavar louças, cada um fazia as suas coisas, o refeitório, íamos alternando essas coisas todas. À noite, olha, estávamos a ver televisão. (Neves)

Aquilo era semana-inglesa. Trabalhávamos de manhã e a parte da tarde já não trabalhávamos, no sábado. (Chico)

No domingo eu não trabalhava. (Chico)

b) Adaptação

Notadamente sobre a fala de Neves, consideramos este um processo gradual, onde as crianças e jovens recém-chegados são deixadas à vontade e não lhes é pedido de imediato o cumprimento das regras de funcionamento da Casa.

Habituei-me, andei lá para aí mais de um mês, a habituar-me à casa, e à escola, às vezes não ia. (Neves)

A adaptação acontece como uma “reprodução”, onde os gaiatos recém-chegados ou mais novos a fim de se sentirem acolhidos, reproduzem as atitudes dos gaiatos mais velhos, e de modo consequente, a rotina instituída pela Casa. Independentemente de estarem os antigos

gaiatos entrevistados na mesma situação de institucionalização, alguns choravam mais e demonstravam-se mais frágeis emocionalmente que outros.

Adaptei-me completamente... Eu fiquei, eu ainda hoje penso, porque eu depois de estar lá via muitos a chegar e começavam a chorar, eu olhava... 'Chora para aí que não te adianta nada. Estás cá!' (Tiro-liro-ló)

Consideramos que a adaptação depende significativamente do contexto de vida anterior à Casa. Por exemplo, Chico que antes convivia em um ambiente de guerra, passa a se sentir mais livre e com mais amigos; Ludgero sempre ciente do que queria, afirma nunca ter sentido falta da mãe ou do pai; Tiro-liro-ló, acostumado com a convivência com seus amigos da rua, encontra na companhia dos outros gaiatos um ambiente normal para se viver; Neves, apesar de deixar um ambiente de agressão, tem um longo processo de adaptação devido estar, antes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, constantemente na rua e o pensamento de fuga lhe ser frequente. Cenoura, não deixa claro como ocorreu seu processo de adaptação, mas em um momento inicial de sua fala diz ter sofrido com a falta de carinho e atenção.

Não termos carinhos, não termos apoios. Se estamos um bocadinho mais em baixo, não temos... quando eu cheguei, ninguém se pôs à minha beira e que me desse colo, a dizer que as coisas iam melhorar... (Cenoura)

▪ Relação com os pares e funcionários

a) Afetividade

Sobre como a relação entre pares e funcionários da instituição é construída, percebemos que apesar de Cenoura ter chegado à Casa acompanhado com um irmão um ano mais novo, de Tiro-liro-ló e Ludgero serem irmãos e terem na Casa do Gaiato de Paço de Sousa um irmão mais velho, a relação entre eles não foi de proximidade. Isso porque os gaiatos, a depender de sua idade, são separados por camaratas, ou seja, em grupos, onde os mais velhos andam separados dos mais novos. As tarefas diárias sobre a Casa são distribuídas pelas camaratas o que faz com que irmãos de diferentes idades tenham diferentes trabalhos e se encontrem somente nos momentos de convivência e próximo à hora de dormir.

Nem era hábito, os mais velhos andarem com os mais novos. Havia como é que hei-de explicar isto, é simples, os mais velhos têm necessidades e têm alguns vícios que os mais novos não podiam ter. Os mais velhos que fumassem, mesmo que fosse proibido lá fumar, não gostavam que os mais novos vissem. Portanto, não havia... Em determinadas situações, os mais novos eram afastados. Portanto, nós quando víamos um mais velho, se ele fizesse cara feia a gente afastava-se (risos) se não fizesse, tudo bem. Havia assim uma separaçõzinha em algumas coisas. (Ludgero)

O facto é que, independentemente dessa razão, observamos que os antigos gaiatos entrevistados se tratam, até hoje, como irmãos. De sangue ou não, a relação entre eles é construída através da amizade e do respeito, onde os gaiatos mais velhos assumem a responsabilidade de irmãos mais velhos, os pais de pais, e as funcionárias de mães. Nota-se com clareza, na fala de Neves e de Cenoura, uma relação familiar e, portanto, a forma como foram educados.

Acho que meus pais eram ali, a minha família estava ali presente. (Neves)

(...) esses é como se fossem meus irmãos de sangue. (Cenoura)

b) Autoridade

Chamamos atenção para o facto de que essa relação entre pares e funcionários ocorre muito pelo uso da autoridade. De acordo com os antigos gaiatos entrevistados, quem se portasse mal ou não cumprisse uma regra, por exemplo: faltar à reza do terço, fugir ou passar do limite estipulado do portão de entrada, apanhar fruta sem permissão, fazer o trabalho mal feito, jogar bola fora de horas, faltar a algum compromisso, etc., era castigado. Os castigos iam de extremos entre ficar sem assistir TV a ter o cabelo rapado em frente a todos os outros gaiatos, como também, ficar de pé em um canto do refeitório, enquanto os outros gaiatos comiam, dormir um mês no chão frio e levar reguadas nas mãos. De acordo com Cenoura, o trabalho na vacaria também era uma forma de castigo, pois era um dos piores trabalhos e uma forma de os fazer se esforçarem mais para conseguirem outro trabalho.

Numa média de 180 a 200 gaiatos, acreditamos que os castigos eram assim praticados como uma forma de “controle”, servindo como exemplo a outros gaiatos induzindo-os a obedecer. Na época dos antigos gaiatos entrevistados, os castigos eram praticados na sua maioria pelos chefes das camaratas e como observamos da fala de Neves e Cenoura, muito deles abusavam dessa autoridade.

Naquela coisa de mal, de ser chefe. Naquela altura... (Neves)

(...) lembro-me de um, que era meu chefe de camarata e passou depois a ser meu chefe, roubava-me as prendas que a minha irmã da Suíça mandava. Uma vez, eu a dormir, roubou-me um relógio! (...) Porque vi-o com o relógio! Ele mesmo mostrava... (Cenoura)

Apesar de não serem vigiados e de lhes ser dado livre-arbítrio, o sentimento gerado era de tensão e preocupação sobre uma possibilidade de castigo e o facto de a todo tempo estarem a obedecer, como relatam Ludgero e Tiro-liro-16.

Claro que andávamos um bocadinho mais tensos no sentido em que se a gente fizesse alguma coisa de mau vinha sempre o mais velho, o chefe, e pronto corrigia. (Ludgero)

Nós não tínhamos opinião ali (...) A gente ali era obedecer e mais nada, só que eu não obedecia muito. Imagina que tu dizias assim 'Tens que fazer isto, tens que limpar isto', eu, se me apetecesse, limpava não é, só que depois havia consequência. Às vezes levava castigos... (Tiro-liro-ló)

▪ **Relação com a família e com a comunidade externa**

a) Visitas

Através das entrevistas, constatamos que a Casa do Gaiato de Paço de Sousa possibilitava que os pais ou outro familiar visitassem os gaiatos durante o ano. Com exceção do Chico, os antigos gaiatos entrevistados tinham a possibilidade de visitar a sua terra natal, no período das férias, portanto, uma vez no ano. Sendo os dias festivos, como Páscoa e Natal, passados dentro da Casa.

O contacto que os antigos gaiatos entrevistados mantinham com a comunidade externa era praticamente todo dentro da Casa, eram inclusive os rapazes e raparigas de Paço de Sousa que iam estudar na escola interna da Casa. Os antigos gaiatos entrevistados, portanto, viviam, estudavam, brincavam, estudavam catequese, iam à missa, e como já salientamos, não podiam sair da Casa sem autorização.

b) Lazer

Notamos que o contacto dos antigos gaiatos entrevistados com a natureza era utilizado pela Casa como forma de distração e lazer e que os torneios de futebol, atletismo, teatro-revista, etc., que a Casa do Gaiato de Paço de Sousa promovia, ora dentro, ora fora da Casa lhes proporcionava outros convívios e uma maior relação social.

▪ **Relação com a escola**

a) Frequência, (in)sucesso e (in)adaptação escolar

De acordo com Cenoura, dentro da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, os gaiatos tinham oportunidade de frequentar da 1ª à 4ª classe e em seguida, o 5º e o 6º ano. O 7º, 8º e 9º ano eram feitos em uma escola da freguesia de Paço de Sousa. Àqueles que se mostravam interessados pelos estudos, era-lhes dada a oportunidade de viver no Lar do Gaiato, e assim, continuar os estudos no Porto, onde permaneciam durante a semana e retornavam à Casa aos finais de semana. Quem reprovasse de ano, perdia também este privilégio e voltava a Paço de Sousa,

passando a estudar à noite em Penafiel e a trabalhar na Casa durante o dia, em companhia, com outros gaiatos que não mais estudavam ou que não obtinham sucesso escolar. A estes, a partir dos 16 anos de idade, era-lhes dada a oportunidade de aprender um ofício em uma das oficinas da Casa.

Durante a estadia na Casa, Chico e Tiro-liro-ló cursam até o 9º ano; Ludgero completa o 12º ano; Neves cursa somente até a 4ª classe; e Cenoura conclui uma licenciatura em Engenharia Ambiental, tendo a Casa do Gaiato de Paço de Sousa pago as propinas da sua Faculdade, antes do mesmo conseguir uma bolsa pelo governo.

b) Relação com os professores e com os colegas

A escola interna da Casa funcionava com o sistema da Telescola, ou seja, as aulas eram seguidas pela televisão e os gaiatos eram acompanhados por um professor que supervisionava as lições. Principalmente a partir da fala de Chico, Neves e Tiro-liro-ló, constatamos que, mesmo após a entrada na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a escola não deixa de representar um ambiente de agressão, onde o professor corrigia com reguadas todas as formas de indisciplina e erros praticados; razão que faz Neves abandonar a escola pela segunda vez.

Até na escola havia isso, quem se portasse mal o professor tinha a liberdade de 'dá cá a mão!', 'dá cá a mão!' e pimba! Pronto, está feito! (risos). E depois não adianta nada ir fazer queixa ao Padre. Uma pessoa ia fazer queixa ao Padre 'o senhor Padre, a Professora bateu-me', levava mais cinco! (risos). (Chico)

A professora batia-nos... É assim, quem dá o pão dá a educação. Agora já é o contrário, não é? Mas aquelas que me caíram foram boas, tornaram-me outra pessoa. (...) Não era aquele bater assim como os meus pais, por motivos de qualquer coisa (...). Que a gente, como eu sabia, portava-se mal. (Neves)

(...) naquela altura, levava porrada quem se portasse mal. Eu portava-me bem, só tinha era um defeito: no ditado quem fizesse erro levava por cada erro. (Tiro-liro-ló)

Perceções sobre perspetivas futuras

▪ Saída da Casa do Gaiato

a) Motivo

Diferente de outras instituições de acolhimento, que determinam uma idade para que a criança ou jovem saia da instituição, a Casa do Gaiato de Paço de Sousa deixa esta decisão a cargo do próprio gaiato. A Casa não os força a tomar essa decisão, mas proporciona que esta decisão aconteça, como aconteceu a Chico, Ludgero e Tiro-liro-ló, conseguindo-lhes um emprego. É um processo natural, como relata Ludgero.

Mas, o momento seguinte é quando se acaba a tropa ou quando se fica livre da tropa é, e queres começar a trabalhar rapidamente fora. Já tens 20 anos queres começar a ganhar o teu dinheiro. (...) És um jovem e queres começar a namorar, queres começar a sair, ir ao cinema... (Ludgero)

Não é propriamente uma decisão é quase obrigatório, entre aspas, é natural. (Ludgero)

b) Principais dificuldades

A fim de minimizar as dificuldades da vida fora da Casa, a Casa do Gaiato de Paço de Sousa mantinha uma iniciativa com os antigos gaiatos entrevistados; sobre o trabalho que eles desenvolviam era-lhes ofertado um valor, uma pequena parte paga diretamente e a maior parte reservada para que utilizassem quando saíssem da Casa. Entretanto, de acordo com a fala dos antigos gaiatos entrevistados, isso não foi o suficiente.

O que se ganha não dá para nada. A gente recebia só para ver... Na época... Por exemplo, o meu último ordenado lá foi 4 contos, o equivalente a 20 euros. Temos que desfazer um bocadinho com a inflação, seria o equivalente a 60 euros para aí, 80. Mas só recebia 10 por cento para o meu bolso, na mão. O resto ia para uma poupança, portanto eu... (Ludgero)

Constatamos que, de modo semelhante ao processo de chegada, o processo de saída representou um período de grandes dificuldades, principalmente para os antigos gaiatos entrevistados que não tiveram sucesso escolar e que mantinham uma relação maior com a Casa. Verificamos que Ludgero e Cenoura, ambos por terem vivido algum tempo no Lar do Gaiato, por terem sido vendedores do Jornal 'O Gaiato' pelas ruas do Porto e por terem sido chefes de algumas camaratas da Casa, mostram-se, em seu período de saída, mais preparados e dispostos a lidar com a nova situação.

Ainda sobre o período de saída, Cenoura apresenta duas sugestões que achamos necessário pontuar na discussão deste trabalho. A primeira refere-se à necessidade de os gaiatos adquirirem noções sobre poder de compra, e sobre isso sugere que seria oportuno que a Casa do Gaiato de Paço de Sousa disponibilizasse um pequeno mercado interno onde os gaiatos pagassem, com o seu trabalho e a um preço reduzido, por algo de que precisassem; induzindo-os a compreender algumas noções básicas de economia. Na segunda sugestão que apresenta, Cenoura sugere que a Casa do Gaiato de Paço de Sousa ceda aos gaiatos 2 a 3 casas para servir de transição para o mundo externo, e em que tinham que assumir perante a Casa os custos da sua gestão. Tudo com o propósito de que a saída definitiva da Casa não representasse um medo ou obstáculo, como representado na fala de Tiro-liro-ló.

Tive umas bases de educação. Não vou dizer que não me ajudaram, mas acho que faltou mais ajuda. (Tiro-liro-ló)

▪ Família

a) Vida familiar

Dos antigos gaiatos entrevistados, Ludgero e Tiro-liro-ló mantiveram contacto com a sua família de origem, mesmo com os pais, entretanto falecidos. Cenoura não manteve uma relação com a família. Neves é o único que retorna à sua cidade de origem. Todos constituíram uma família, casaram e tiveram filhos.

Tenho uma esposa, tenho uma casa própria, tenho um carro, tenho um filho, tenho trabalho e estou bem graças a Deus. (Chico)

b) Filhos

Identificamos que, mesmo após casados, a relação dos antigos gaiatos entrevistados com a Casa não se finda, e que os mesmos recorrem aos conhecimentos aprendidos na Casa, na educação dos seus filhos.

E cá fora eu quando casei, quando o meu filho já tinha para aí 5, 6 anos já começava a incrementar isso na educação dele. Ir à igreja. Inicialmente, íamos todos, depois comecei a não ir eu, mas ia sempre ele. (Chico)

Ludgero casa e batiza seu filho na Capela da Casa e Neves relata que aos finais de semana, acompanhado de sua família, visitava a Casa do Gaiato de Paço de Sousa afim de que a rotina da Casa lhes servisse de exemplo.

Depois de sair, ia lá só ao fim de semana. Depois casei, pronto, ainda continuei indo lá ao fim de semana. Quando tinha tempo largo ia lá, aliás o meu filho foi lá batizado depois de ter nascido. (Ludgero)

É, inclusivamente quando me casei, levei lá a minha esposa e os meus filhos, todos eles passaram lá naquela Casa. (...) E ficávamos por ali e à noite regressávamos que era para eles sentirem aquilo que eu senti na pele, que era para dar o exemplo para os meus filhos para eles seguirem, mais ou menos. (Neves)

▪ Trabalho

a) Importância das oficinas

Ludgero e Neves, atualmente, trabalham na profissão que aprenderam dentro da Casa.

A minha profissão é graças ao que aprendi lá, portanto, toda a minha vida foi moldada pelo que aprendi ali. (Ludgero)

E aprendi lá padeiro, mas para frente, foi assim. (Neves)

Como destaca Cenoura, um adulto formado nessa profissão, especialmente na carpintaria, poderia ganhar muito dinheiro.

Aquilo tem um potencial enorme, nós temos lá dentro várias profissões que hoje em dia já estão a morrer. E uma pessoa que seja formada naquela área consegue ganhar muito dinheiro! Porque são artes que estão a desaparecer e que continuam a ser necessárias. (Cenoura)

b) Emprego

Todos os antigos gaiatos entrevistados possuem emprego estável. Após a Casa, Chico conclui o 12º ano, Ludgero cursa uma Licenciatura em Engenharia Multimídia e Cenoura um Mestrado em Engenharia do Ambiente, tornando-se dono do seu próprio negócio.

▪ Memórias

a) Casa

Os antigos gaiatos entrevistados se mostraram privilegiados por terem tido a oportunidade de terem vivido na Casa e por esta ter, de certa forma, os salvado de um futuro incerto.

“Eu não sei o que seria atualmente. Sinceramente não sei o que seria. Aliás, sei de antemão que não seria o que sou hoje.” (Chico)

Através da formação que eu tive lá na Casa fez-me abrir os olhos e ser boa pessoa e respeitar as regras do dia-a-dia. Um bom comportamento é essencial para viver em uma cidade e fugir da marginalidade e fugir destas más pessoas e não arranjar conflitos com ninguém. E tentar fazer amigos o mais possível, quantos mais amigos, melhor. Mais amigos, amigos. Não é amigo da onça. (Chico)

A Casa do Gaiato formou-me como homem e pessoa. (Ludgero)

Incorporei o espírito do... do Gaiato. Do lar, respeitador, respeitar os mais velhos, respeitar os chefes, pronto, os mais velhos no fundo. Ser respeitador, ser trabalhador, isso são tudo valores que na Casa do Gaiato quando transporta cá para fora são muito importantes. (Ludgero)

Eu era um rebelde, portanto, era revoltado (...) Eu ali aquela Casa para mim acho que foi o renascer da minha vida. A minha vida acho que começou ali. (Neves)

Sinto-me feliz só. Eu acho que é a única palavra que eu sinto e dou graças a Deus ter conhecido aquela Casa. A casa-mãe fazer de nós crianças uns homens. (Neves)

*(...) ter-me dado a educação que me deu, saber ter espírito crítico...
(Cenoura)*

“Eu sou o que sou na vida graças ao Gaiato, porque tenho plena consciência disso. E se eu não fosse para a Casa do Gaiato, não sei o que hoje era, se tinha um filho... (Cenoura)

b) Gaiatos

Frisamos o quanto é forte a relação dos gaiatos com a Casa do Gaiato de Paço de Sousa e com os outros gaiatos com que conviveram. Como os antigos gaiatos entrevistados demonstram, é uma relação que perdura por toda a vida. Isto foi um dos motivos que nos fez abandonar o termo, ex-gaiatos, utilizado no início dessa pesquisa para o termo, antigos-gaiatos, em respeito aos gaiatos que participaram desta pesquisa e aos que tivemos contacto durante as visitas exploratórias. De acordo com os mesmos, quem é gaiato uma vez, é por toda a vida.

Considerações finais

Refletir sobre a realidade social de crianças e jovens em risco/perigo nos motivou, primeiramente, a estudar e ressignificar os seus conceitos; a procurar compreendê-las a partir de seu contexto de origem sociocultural. Como sujeitos de uma cultura própria que complementa e potencializa novas culturas, são igualmente as crianças, fruto do contexto onde vivem, de suas relações quotidianas, crenças, valores, religião, etc.; onde a cultura exerce influência sobre diversos aspetos do seu comportamento e desenvolvimento. Diante disso, buscamos respostas, perante a sociedade que tem o dever de cuidá-las e protegê-las, particularmente, de como, num contexto de instituição de acolhimento, as crianças e jovens aí institucionalizados beneficiam de um processo educativo.

De modo consequente, nos debruçamos sobre o conceito de institucionalização e sobre esse propósito parece-nos importante não negligenciar o papel que as instituições têm no acolhimento de crianças e jovens, que a partir dos seus interesses buscam salvaguardar os seus direitos e seu pleno desenvolvimento. No entanto, e independentemente da visão pessimista que afeta as instituições de acolhimento, concordamos com a reflexão de Delgado (2006) quando diz:

Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das atividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver na família que se perdeu ou nunca se teve. Nestas circunstâncias, as crianças devem ser ajudadas a vencer a batalha

interior que lhe permita planificar a sua vida futura e a orientá-la de acordo com um princípio de responsabilidade. (p. 84)

Uma institucionalização só será instrumento de (re)inserção e socialização, quando perceber a criança e o jovem dentro do seu contexto familiar, comunitário e social e a partir de suas individualidades, de género, de raça, de cultura, etc. Fechar a criança ou jovem em quatro paredes, vigiá-la e querer controlar suas atitudes é diminuir o que a criança e o jovem têm de mais importante que é a sua capacidade de aprender com o outro.

Por mais que a institucionalização se tenha revelado um processo positivo na vida dos sujeitos desta pesquisa, defendemos que a primeira intervenção deve ser na família, a fim de que a criança ou jovem tenha a oportunidade de crescer em seu próprio ambiente familiar. Ou seja, antes de se retirar a criança ou jovem do convívio com seus pais ou responsáveis, todas as tentativas de resgate dessa família devem ser exercidas; o Estado deve intervir, ajudar e acompanhar essa família. Caso contrário, acreditamos que a institucionalização poderá ser um instrumento de (re)inserção social, quando torna possível que essa criança ou jovem cresça num ambiente próximo do familiar, com relações afetivas e educativas que se atribuem a um agregado familiar; de outro modo, quando são educadas em instituições sem serem institucionalizadas.

Em família, “(...) é fundamental que os pais tenham uma atitude dialogante, mas coerente e firme, que transmita à criança pontos de referência que, progressivamente, ela interiorizará como suas.” (Tierno, 1998 in DELGADO, 2006, p. 7). Contudo, quando disfuncional, o melhor a se fazer é restringir os vínculos, mas não se eliminar a possibilidade desta família se reestruturar e poder acolher novamente o seu filho; competindo às políticas e ações do Estado a prevenção e intervenção no ambiente familiar e garantia dos direitos das crianças e jovens.

Como um agente de socialização cabe, também, à escola delinear um caminho de colaboração com seu aluno, promovendo uma aprendizagem que prima pela construção do conhecimento com o outro, através de uma interação lúdica com os pares, trocas de experiências e vivências com os mais velhos, onde cada um seja capaz de elevar suas competências e diminuir suas dificuldades.

As crianças e jovens, em situação de institucionalização, buscam na escola um espaço de acolhimento e inclusão. O professor é um agente-chave no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças e jovens, pois, pode aproximar-se, criar um vínculo afetivo e ser instrumento a serviço do crescimento do aluno. Assim como o trabalho que, enquanto uma dimensão

educativa, por ser utilizado como instrumento de autonomização de crianças e jovens institucionalizados.

Durante a nossa observação e recolha de informações, em vários momentos, fomos surpreendidas sobre o trabalho realizado em nosso campo empírico. As histórias de vida, as narrativas de superação e afeição que os sujeitos desta pesquisa demonstraram ter em relação à Casa, limitavam nosso pensamento crítico. Foi preciso, muitas vezes, nos distanciarmos e centrarmos em nosso objeto de estudo, a fim de identificarmos factos incongruentes com a atual legislação.

Em relação à importância deste trabalho para o campo da educação, em instituições de acolhimento, acreditamos que este possa contribuir para uma reflexão sobre a singularidade dos sujeitos que se acolhem em instituições, das suas necessidades básicas, afetivas, sociais e escolares. A criança ou jovem deve ser percebido, a todo instante, como o futuro do nosso país, como sujeito de direitos e deveres que precisa, nesses espaços, ter a possibilidade de se desenvolver. Para o campo da educação, esta pesquisa torna-se um exemplo de que a educação não se restringe ao espaço físico da escola e que outros espaços não formais podem ser utilizados como campo de estudo e conhecimento.

Tendo em conta os resultados do nosso estudo, perspectivamos que as casas de acolhimento devem realizar seu trabalho sempre próximo do mundo real, ou seja, pôr em prática uma proposta educativa que tenha como objetivo o despertar crítico das crianças e jovens que acolhem para o mundo presente. Dessa forma, há de se considerar o apoio a um projeto de vida e de oportunidades escolares e de trabalho, além de um acompanhamento posterior ao período de institucionalização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sandra Nunes (2007). **Filhos da madrugada**: percursos adolescentes em lares de infância e juventude. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

AMADO, João & FERREIRA, Sónia. A entrevista na investigação em educação. (p. 207-232). In: AMADO, João (2014). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

AMADO, João (2014). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra.

BAPTISTA, Isabel (2005). **Dar rosto ao futuro**: a educação como compromisso ético. Porto: Profedições.

BARDIN, Laurence (1977). **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes.

CANDEIAS, Marisa & HENRIQUES, Helder (2012). **1911/2011: um século de proteção de crianças e jovens**. Rio Grande do Norte: Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre.

CLANDININ, D. Jean & CONNELLY, F. Michael (2011). **Pesquisa narrativa: experiências e histórias em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU.

DELGADO, Paulo (2006). **Os direitos da criança: da participação à responsabilidade**. Porto: Profedições.

GOFFMAN, Erving (1961). **Manicômios, prisões e conventos**. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

MORGADO, José Carlos (2012). **O estudo de caso na investigação em educação**. Santo Tirso: DE FACTO EDITORES.

QUINTÃNS, Cláudia Raquel Pereira (2009). **Era uma vez a instituição onde eu cresci: narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização**. Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho.

SARMENTO, Manuel Jacinto & GOUVEIA, Maria Cristina de Soares. (Orgs.) (2009). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

VALA, Jorge (1990). **A análise de conteúdo**. In Augusto Silva & José Pinto (Eds.) *Metodologia das ciências sociais*. (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Leis

Lei nº 147/99

Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – LPCJP (Lei nº 147/99)

Disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=545&tabela=leis&so_miolo

Lei nº 166/99

Lei Tutelar Educativa – LTE (Lei nº 166/99)

Disponível em:

http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=542&tabela=leis

Relatório

Relatório CASA 2016 -

Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens.

Disponível em: http://www.seg-social.pt/documents/10152/15292962/Relatorio_CASA_2016/b0df4047-13b1-46d7-a9a7-f41b93f3eae7

SOBRE AS AUTORAS:**Daiane Valasques**

Doutoranda em Estudos da Criança pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Membro Colaborador do CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança. E-mail: daianevalasques@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-4623-2160>

Fátima Pereira

Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal. Atual Diretora do Mestrado em Ciências da Educação da FPCEUP. Co-presidente do grupo “Identidade, Democracia, Escola, Administração e Formação” (IDEAFor) do CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas. E-mail:

fpereira@fpce.up.pt

 <http://orcid.org/0000-0003-1107-7583>

Recebido em: 25 de setembro de 2019
Aprovado em: 19 de março de 2020
Publicado em: 01 de julho de 2020